

# Perspectiva visual de Lévi-Strauss sobre os índios do Brasil

Carolina de Castro Barbosa de Freitas<sup>1</sup>

## RESUMO:

Claude Lévi-Strauss (1908-2009) produziu fotografias em seus estudos etnográficos sobre os índios do Brasil Central por ocasião de suas expedições na década de 30. A partir da análise dessas imagens, a proposta da apresentação desse trabalho é a de observar as relações estabelecidas com os sujeitos fotografados e com o etnógrafo e realizar reflexões de como essas fotografias contribuíram para a construção do conhecimento relativo ao Outro, nesse caso, os indígenas do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagens; índios; Lévi-Strauss

## 1. Introdução

Aos 26 anos, em 1934, Lévi-Strauss (1908-2009), ainda um jovem professor de filosofia, recebe um convite para lecionar na Universidade de São Paulo a disciplina de sociologia, com a promessa de poder fazer pesquisa de campo, aos finais de semana, pois, segundo Célestien Bouglé, o responsável pelo convite, “os subúrbios de São Paulo estavam coalhados de índios” (LÉVI-STRAUSS, 1993,32).

Não precisa nem dizer que não foi bem esse quadro que Lévi-Strauss avistou ao desembarcar na capital paulista. Mesmo depois dessa surpresa, percebendo que deveria ir além dos limites de São Paulo para encontrar índios, planejou algumas viagens exploratórias para o interior do Brasil.

A primeira dessas deu-se entre os anos de 1935 e 1936 quando visitou os grupos ameríndios Caduveo e Bororo. Posteriormente realizou outra expedição em 1938 ao Brasil Central durante aproximadamente um ano com o apoio do Museu do Homem, no qual contactou com os Nambikwara, Mundé e Tupi-Kawahib.

---

<sup>1</sup> Cientista Social (UFES), mestranda em Ciências Sociais (UFES). e-mail: carola-castro@hotmail.com.

Essas viagens geraram mais de 3.000 imagens, algumas dessas publicadas em dois livros: um de fotografias - “Saudades do Brasil”, e outro, “Tristes Trópicos”, que mescla imagens e textos. Nosso foco nesse artigo é a análise das fotografias sobre os Bororo que foram tiradas na primeira expedição, publicadas nos livros mencionados bem como aquelas não publicadas que estão sob a guarda do Museu Du Quai Branly na França.

Na primeira expedição, após passar pelos Kadiwéu, Lévi-Strauss segue de Corumbá (MT) para Cuiabá (MT), onde passa dias na capital preparando a viagem aos Bororo. Finalizada essa etapa, viaja ao interior de Mato Grosso em direção ao rio Vermelho, afluente do rio São Lourenço, em um percurso de difícil acesso, chegando ao seu destino após uma longa viagem.

Os Bororo do rio Vermelho são compostas por três aldeias: Pobori, Jarudori e Quejara, sendo essa última o local de estadia e pesquisa de Lévi-Strauss durante sua permanência com esse grupo indígena que foi entre janeiro e fevereiro de 1936 .

Lévi-Strauss tirou em torno de 90 fotografias cuja temática estava diretamente relacionada aos índios Bororo, além da produção de imagens durante a viagem. A maioria das fotos publicadas no livro “Saudades do Brasil” (1994) foram encontradas no site do Musée du Quai Branly, com exceção de somente uma.

A partir da análise dessas imagens e também de outras não publicadas, bem como de menções sobre a referida experiência feitas por esse antropólogo em suas obras escritas é possível observar as relações estabelecidas com os sujeitos fotografados e com o etnógrafo e realizar reflexões de como essas fotografias contribuíram para a construção do conhecimento relativo ao Outro.

Tem-se como metodologia de análise uma inspiração no método estruturalista e na maneira como Lévi-Strauss a aplicou no exame sobre os mitos, tendo como perspectiva, nesse caso, a percepção de Lévi-Strauss sobre os índios fotografados. Busca-se verificar nas imagens produzidas por Lévi-Strauss uma regularidade na variação existente.

Dessa forma, analisaremos cada imagem de forma independente, de maneira a traduzi-la em princípios lógicos, “buscando traduzir a sucessão dos acontecimentos por meio de

frases o mais curta possível” (LEVI-STRAUSS, 2008, p. 226). Iremos examinar se dessas relações fluem significados que nos permitem descobrir uma estrutura adjacente em todas as imagens produzidas por Lévi-Strauss.

À medida que a nebulosa se expande, portanto, seus núcleos se condensam e se organizam. Filamentos esparsos se soldam, lacunas se preenchem, conexões se estabelecem algo que se assemelha a uma ordem transparece sob o caos. Como uma molécula germinal, seqüências ordenadas em grupos de transformações vêm agregar-se ao grupo inicial, reproduzindo-lhe a estrutura e a determinações. Nasce um corpo multidimensional, cuja organização é revelada nas partes centrais, enquanto em sua periferia reinam ainda a incerteza e a confusão. (LEVI-STRAUSS, 2004, p. 20)

Além disso, também empregamos o método de Boris Kossoy, que consiste na desmontagem do processo de elaboração da imagem por meio de duas linhas de investigação: análise iconológica e iconográfica (KOSSOY, 2001).

A interpretação iconográfica refere-se aos elementos da realidade que compõem a fotografia, ao conjunto de informações visuais presentes no documento. “*Tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece [...]*” (KOSSOY, 2001, p. 99). Nessa análise o tempo e espaço são referências importantes para a montagem e a síntese constitui seu resultado. É uma forma de descrição sucinta.

A análise iconológica destina-se ao exame dos significados mais profundos do conteúdo da imagem, no qual entende-se que o fotógrafo foi o filtro cultural para a produção da imagem. É o exame da interpretação da imagem considerando todos os percursos. Considera-se aqui como premissa a multiplicidade de interpretações possíveis para uma fotografia. Dá-se atenção também ao que se está ausente na fotografia, ao que não foi retratado, ou seja, às escolhas realizadas.

Entendemos que esse trabalho poderá contribuir com os estudos das imagens produzidas por Lévi-Strauss ainda pouco exploradas no Brasil. Ressalta-se ainda que os resultados aqui apresentados são preliminares e sujeitos a correções posteriores e fazem parte da dissertação que está sob elaboração.

## 2. Lévi-Strauss e os Bororo

As fotos produzidas por Lévi-Strauss sobre os Bororo podem ser classificadas segundo algumas temáticas: aldeia/habitações, rituais funerários e tipo físico. Nas duas últimas é possível verificar a relação estabelecida entre o etnógrafo e os sujeitos fotografados de maneira mais explícita, e por esse motivo, nosso enfoque será a partir do exame dessas imagens.

### • Rituais funerários

Na chegada de Lévi-Strauss à aldeia Quejara estava ocorrendo cerimônias fúnebres devido ao falecimento de um indígena de outra aldeia. Por esse motivo Lévi-Strauss não conseguiu assistir ao ritual de enterro que consiste em esperar a putrefação do cadáver que fica dentro de uma vala coberta por ramagens para posteriormente lavar os ossos, pintá-los e enfeitá-los para dentro de um cesto emergir esses restos mortais em um rio ou lago (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.205-6). E também não pôde assistir a caçada coletiva, já que aconteceu anteriormente a sua visita.

As cerimônias fúnebres do povo Bororo duram vários dias, o que permitiu à Lévi-Strauss conhecer o ritual roiakuriluo que é o grande canto fúnebre cujo significado é incorporar a alma do falecido à sociedade das almas. É realizado ao anoitecer e reúne os membros da aldeia no entorno do terreiro de dança, que fica a oeste da casa-dos-homens.

Segundo relato de Lévi-Strauss em “Tristes Trópicos” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.224), ao cair a noite é acesa uma fogueira no terreiro da dança e um arauto chama cada grupo para receber as ordens do dia que são transmitidas aos chefes de cada clã. Os homens saem de suas residências e sentam-se em esteiras ao redor da praça das cerimônias enquanto as mulheres ficam nas soleiras das portas. Dá-se início no fundo da casa-dos-homens aos cantos que rapidamente são ouvidos também na praça.

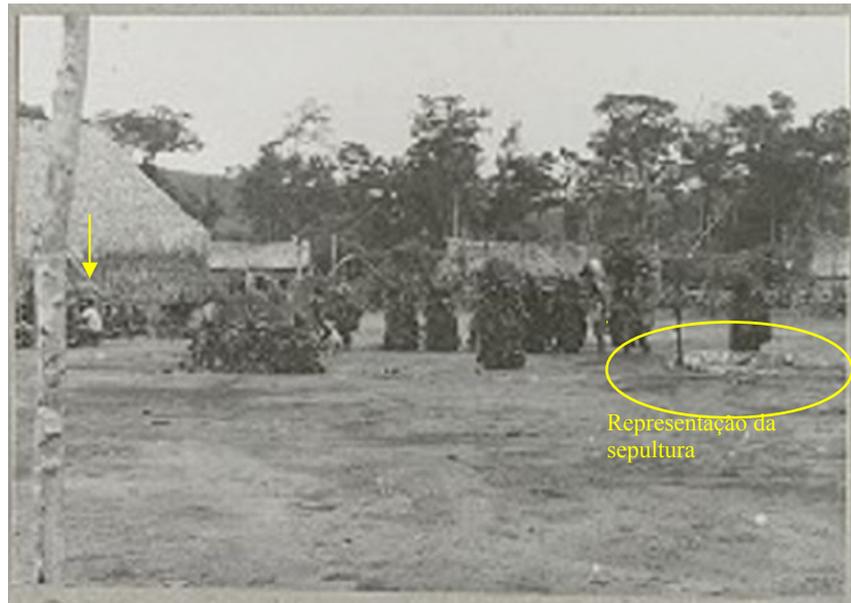
Analisando as imagens de Lévi-Strauss sobre os rituais observa-se que não houve registro imagético dessa etapa. As fotos concentram-se nas fases posteriores: as danças de alguns clãs da metade Tugaré e a dança do *mariddo*. A primeira dança é realizada durante três noites pelos clãs ewoddo (dança dos da palmeira) e paiwé (dança dos do

porco-espinho) da fátia Tugaré, pois o falecido era da outro grupo. São de dois tipos: uma primeira no qual os dançarinos formavam duas fileiras uma em frente à outra. Os dançarinos vão até outro dançarino da fileira oposta, girando sobre si mesmos até que mudam de posição. No centro da praça há algumas folhagens que representa a sepultura tendo ao seu lado flechas e tigelas de comida. A outra consiste na entrada das mulheres na dança, no qual se intercalam entre os homens que continuam dançando (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.225-6).

Nas duas fotos abaixo (Figuras 1.1 e 1.2) dá para notar a representação da sepultura e os dançarinos do clã ewoddo que suponho ainda estavam se preparando para a dança. Após uma apreciação mais detalhada, percebem-se duas pessoas na primeira imagem que muito provavelmente sejam membros da expedição. A pessoa da direita parece segurar uma máquina fotográfica ou de filmagem, enquanto a de esquerda observa alguma situação. Na foto imediatamente posterior somente a segunda pessoa citada é fotografada.



**Figura 1.1:** Danse funéraire du clan Ewaguddu  
Fonte : Museu Du Quai Branly



**Figura 1.2:** *Danse funéraire du clan Ewaguddu*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

Lévi-Strauss tirou uma seqüência de fotos dos dois momentos da dança (Figuras 1.3; 1.4 e 1.5). Na primeira, a dança do clã *ewoddo* de acordo com a descrição realizada por ele em “Tristes Trópicos”. Ao todo são 8 fotografias que possuem características semelhantes formando uma maneira de Lévi-Strauss fotografar esse ritual. É possível observar que Lévi-Strauss situa-se a sudeste da casa-dos-homens, refugiando-se nessa área sendo que em alguns momentos movimenta-se para sua direita para cobrir o acontecimento que ocorre de forma circular em determinados período do rito. Nesse sentido, constata-se o esforço de Lévi-Strauss em registrar o ritual abrangendo-o de forma integral e de maneira seqüencial.

Há um público assistindo a dança que também é fotografado pelo etnógrafo (em apenas uma foto, analisada mais à frente), porém em nenhuma ocasião ele tira fotos a partir desse local, ou seja, ele não se junta ao público para registrar o fato a partir daquela perspectiva, ao contrário, posiciona-se a partir de uma área onde não há pessoas. Pode-se refletir se Lévi-Strauss assume a posição do “outro” ao registrar visualmente os nativos, sem realizar uma aproximação ou até mesmo uma participação maior do que a de um pesquisador. Retornando as fotos anteriormente analisadas, se nossa análise esteve correta com relação à presença de dois membros da expedição registrados no momento da pesquisa, no qual esses se aproximam e acabam interagindo com os dançarinos, poderemos então observar uma atitude de Lévi-Strauss justamente inversa, um distanciamento.



**Figura 1.3:** *Danse funéraire du clan Ewaguddu*  
Fonte : Museu Du Quai Branly



**Figura 1.4:** *Danse funéraire du clan Ewaguddu*  
Fonte : Museu Du Quai Branly



**Figura 1.5:** *Danse funéraire du clan Ewaguddu*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

A próxima seqüência é a do clã *paiwé*, também contada visualmente conforme o relato em “Tristes Trópicos” (Figuras 1.6 e 1.7). Nas 6 fotos desse grupo também detectamos as mesmas peculiaridades presentes na seqüência anterior. Há de se considerar, porém, que em algumas fotos percebe-se Lévi-Strauss mais próximo dos fotografados, entretanto não por sua alteração de posicionamento, mas pela dança no qual permitiu que seus dançarinos passassem por ele.



**Figura 1.6:** *Danse funéraire du clan Paiwe*  
Fonte : Museu Du Quai Branly



**Figura 1.7:** *Danse funéraire du clan Paiwe*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

Outro momento do ritual assistido e fotografado por Lévi-Strauss é a dança do *mariddo*, que ocorreu três dias depois das danças fúnebres. Há mais imagens sobre esse momento e a seqüência mostra os preparativos para o ritual.

Em “Tristes Trópicos” Lévi-Strauss escreve que após a confecção dos *mariddo*, que são objetos feitos de palmas verdes enrolados e amarrados como uma roda, esses são transportados para o centro da praça para a preparação da dança do *mariddo*, que ocorre ao cair da noite (LEVI-STRAUSS, 1996, p.226).

[...] Esses dois objetos foram então transportados de maneira solene para o meio da praça, um ao lado do outro. São os *mariddo*, respectivamente macho e fêmea, cuja confecção compete ao clã *ewaguddu* (LEVI-STRAUSS, 1996, P.226).

Além de registrar esse momento, Lévi-Strauss também fotografou a sequência que ocorre mais ao cair da noite no qual os dançarinos se dividem em dois grupos sendo que uns vão para o lado oeste e outro para leste para se prepararem escondidos para posteriormente retornarem à praça e começarem a dançar. Os homens seguravam os *mariddo* nos braços e dançavam até se cansarem para repassar para outro dançarino (Figuras 1.8 e 1.9).

À noitinha, dois grupos formados por cada um por cinco ou seis homens partiram, um para o Oeste, outro para Leste. Segui os primeiros e assisti, a uns cinquenta metros da aldeia, a seus preparativos escondidos do público por uma cortina de árvores. Cobriam-se de folhagens, á maneira dos dançarinos, e prendiam as coroas. Mas, dessa vez, a preparação secreta explicava-se por seus papéis : como o outro grupo, eles representavam as almas dos mortos vindas de suas aldeias do Oriente e do Ocidente para recepcionar o novo defunto. Quando estava tudo pronto, dirigiram-se, assobiando, para a praça onde o grupo do Leste os havia precedido (na verdade, uns sobrem simbolicamente o rio, ao passo que os outros descem, indo, assim, mais depressa). [...] Mas logo a cerimônia se animou : os homens empunhavam um ou outro *mariddo* (mais pesados ainda por serem feitos de folhagem verde), alçavam-nos nos braços e dançavam sob esse fardo até que, esgotados, deixassem um concorrente pegá-lo para si. [...] (LEVI-STRAUSS, 1996, p.226-7).



**Figura 1.8:** Préparation des danseurs avant la danse du  
Fonte : Museu Du Quai Branly



**Figura 1.9:** *Danse Du mariddo*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

A sequência de fotografias sobre a dança do *mariddo* possui características semelhantes ao registro das imagens sobre a dança fúnebre. Lévi-Strauss se posiciona na porção sudeste e não tira fotografias a partir do público. Porém parece estar mais próximo do grupo fotografado. Nossa hipótese é que o etnógrafo já se sentisse mais à vontade para realizar seus estudos após alguns dias de convivência e por já ter tirado foto nos dias anteriores. As fotos da dança fúnebre aconteceram logo quando da sua chegada, enquanto essas da dança do *mariddo* Lévi-Strauss já estava na aldeia a alguns dias.

No filme produzido por Lévi-Strauss e Dina Lévi-Strauss sobre esse grupo indígena, há nos subtítulos a sequência filmada. Nessa é possível observar que Lévi-Strauss esteve no momento da fabricação do *mariddo*, porém não a registrou por meio da imagem fotográfica, talvez porque estivesse ocupado gravando, o que não temos certeza já que sua esposa da época também filmou.

Subtítulos :

1. 'Fabricação do Marid'do' (técnica de amarração dos tocos de madeira que compõem uma 'escada' flexível e que será enrolada e amarrada na forma de um grande disco) ;
2. 'O Marid'do está pronto' (homens vestidos com folhas carregando o Marid'do no ombro) ;
3. 'Preparação do terreiro para a dança' (pessoas espalhadas pelo pátio e alguém limpando o chão de terra com uma enxada) ;
4. 'Transporte do Marid'do para o terreiro da dança' (homens emplumados carregam os dois discos Marid'do para o terreiro e trazendo outros objetos) ;
5. 'Invocação, oferenda de alimentos e dança' (início do cerimonial com homens com adornos plumários) ;
6. 'Os heroe Bakororo sai da casa dos homens com seu cortejo' (momentos da dança);

7. 'Jogo do Marid'do' (homens, ornados com grandes diademas plumários, saíotes de palha e uma pele de onça, dançando com o Marid'do nos ombros). A câmera mostra ainda a numerosa platéia, sentada sobre esteiras e comentando o espetáculo (PASSETI, 2008, p.450).

Nas duas fotos abaixo é possível verificar que Lévi-Strauss registrou o objeto *mariddo* (Figura 1.10). Nelas não verificamos pessoas próximas, pelo menos na primeira no qual há o contexto e que poderia também ter algum índio bororo próximo. Esse fato lança a questão de Lévi-Strauss fotografar objetos e paisagens sem pessoas, situação essa verificada em outras fotos.



**Figura 1.10:** *Danse Du mariddo*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

Também nos subtítulos foi gravada a preparação do terreiro da praça para a dança, porém não se tem nenhuma foto desse episódio, reafirmando de forma provável que o foco de Lévi-Strauss não foram as cenas de “bastidores”, tanto quando se concebe que não há muitas fotos revelando o contato entre o pesquisador e os pesquisadores quanto desvendando momentos das arrumações dos rituais.

A aproximação de Lévi-Strauss dos fotografados é evidente nessas imagens bem como o fato de fotografar com enquadramento mais fechado, focando pormenores, algo que não foi efetuado nas séries sobre os rituais (Figuras 1.11, 1.12 e 1.13). Nesse sentido, a diminuição da distância física entre Lévi-Strauss e os índios bororo é uma consequência de retratar detalhes.



**Figura 1.11:** *Repas rituel des danseurs*

Fonte : Museu Du Quai  
Branly



**Figura 1.12:** *Cérémonie funéraire : repas rituel des danseurs*

Fonte : Museu Du Quai  
Branly



**Figura 1.13:** *Repas rituel des danseurs*

Fonte : Museu Du Quai  
Branly

Aliás, não foi somente durante o ritual que Lévi-Strauss fotografou detalhes que compunham esse acontecimento. As fotografias anteriores mostravam detalhes numa situação em que essa estava ocorrendo, como por exemplo, durante a alimentação, porém as fotos que se seguem não foram tiradas no instante do ritual, em uma “encenação”, o que implica em outro aspecto até aqui inédito nas imagens de Lévi-Strauss: o etnógrafo solicitou que os fotografados posassem para ele.

Essas fotos são claramente tentativas de registrar um aspecto do ritual que são as formas de vestimentas e os enfeites dos dançarinos (Figuras 1.14 e 1.15). Tendo em vista que durante o ritual Lévi-Strauss teria dificuldades de captar elementos visualmente menores - já que necessitaria ficar bem próximo dos dançarinos, o que já mostrou não ser uma prática fotográfica do etnógrafo – é provável que Lévi-Strauss tenha solicitado que os índios bororo posassem para ele.



**Figura 1.14:** *Un danseur*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

**Figura 1.15:** *Indien Bororo portant un noeud de pénis de cérémonie*

Fonte : Museu Du Quai Branly

A última foto revela o público assistindo ao ritual tendo como foco esse assunto, fato esse também não ocorrido em nenhuma outra imagem (Figura 1.16). Toda a atenção de Lévi-Strauss volta-se como demonstrado nas fotos anteriores aos dançarinos, à cena principal, e não ao público, semelhante à forma como nos comportamos quando vamos a um espetáculo: nossa preocupação é como o acontecimento que se desenrola no palco e não com as pessoas que estão, assim como nós, assistindo.



**Figura 1.15:** *Le "public" pendant les danses funéraires*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

#### • Tipos físicos

Lévi-Strauss tem 11 fotos sobre tipo físico e nenhuma publicada em seus livros. Essas possuem como características enquadramento em *close* ou num plano que abrange a pessoa da cintura para cima, obviamente desconsiderando o contexto. Os sujeitos fotografados são posicionados ou de perfil ou de com a face voltada para a câmera, num estilo dos estudos antropométricos (Foto 1.16, 1.17, 1.18 e 1.19). Até mesmo nas legendas e nas descrições é claro o objetivo de fotografar dessa maneira. Em “Tristes Trópicos” há um trecho no qual é mencionado o tipo físico dos bororo.

Os Bororo são os índios mais altos e os mais corpulentos do Brasil. Sua cabeça redonda, sua face comprida com feições regulares e vigorosas, seus ombros de atleta lembram alguns tipos patagônicos aos quais talvez se deva vinculá-los do ponto de vista racial. Esse tipo harmonioso encontra-se raramente entre as mulheres, em geral menores, mirradas e com traços irregulares. (LEVI-STRAUSS, 1996, 204).

Os índios bororo aparecem sem os enfeites e as pinturas e em algumas das fotografias com roupas usuais de não indígenas. Esse fato é interessante, pois nas imagens que foram publicadas é raro aparecer alguém sem estar enfeitado ou pintado, reforçando os traços que contrastam com a cultura de Lévi-Strauss e de moradores não índios do local.

Além disso, observar-se que a maioria das fotos foram posadas e aparentemente com indicações de Lévi-Strauss de como se posicionar.

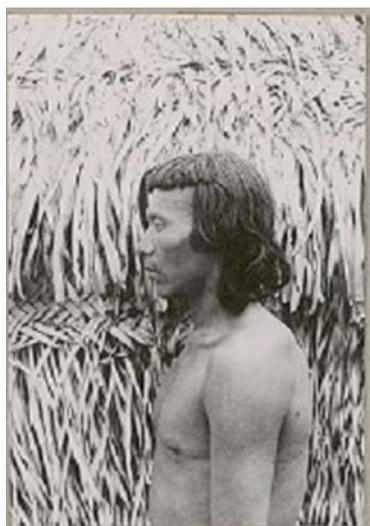


**Figura 1.16:** *Type d'indien bororo*  
Fonte : Museu Du Quai  
Branly



**Figura 1.17:** *Type d'indien bororo*  
Fonte : Museu Du Quai  
Branly

Type d'indien bororo [de face]. "Les Bororo sont les plus grands et les mieux bâtis des Indiens du Brésil. Leur tête ronde, leur face allongée aux traits réguliers et vigoureux, leur carrure d'athlète, évoquent certains types patagoniens auxquels il faut peut-être les rattacher au point de vue racial.(LEVI-STRAUSS)



**Figura 1.18:** *Type d'indien bororo*  
Fonte : Museu Du Quai Branly



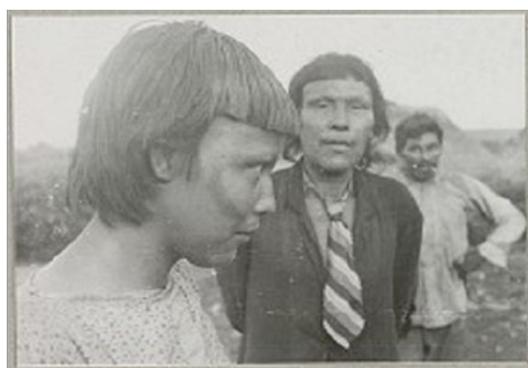
**Figura 1.17:** *Type d'indien bororo*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

A seqüência que se segue possui algumas peculiaridades interessantes de serem examinadas. Em todas as fotos anteriores o registro foi de homens, ao passo que nessa seqüência eles também aparecem nas imagens, mas o foco principal é a mulher que aparece em primeiro plano (Figura 1.18, 1.19 e 1.20). Alias em “Tristes Trópicos” há referências a esse “olhar” voltado para os homens. “[...] Desde o primeiro contato, a jovialidade masculina fazia um contraste singular com a atitude rebarbativa do outro sexo.” (LEVI-STRAUSS, 1996, p.204).

Claramente nas imagens observa-se que a mulher foi “arrumada” da maneira que ficasse ora de frente e ora de perfil. Há inclusive em uma das fotos a colaboração de uma pessoa que segura o rosto dessa jovem. Também é notável certo desconforto da mulher ao ser retratada, não parecendo estar gostando de servir de modelo para Lévi-Strauss.



**Figura 1.18:** *Jeune fille Bororo*  
Fonte : Museu Du Quai Branly



**Figura 1.19:** *Jeune fille Bororo*  
Fonte : Museu Du Quai Branly



**Figura 1.20:** *Jeune fille Bororo*  
Fonte : Museu Du Quai Branly

### 3. Considerações Preliminares

Após a análise dessas imagens - que ainda estão em caráter preliminar considerando que esse artigo baseia-se na pesquisa que está sendo realizada para minha dissertação de mestrado - podemos constatar algumas características nas imagens de Lévi-Strauss que permitem projetar algumas idéias relativas à relação do etnógrafo com o grupo fotografado.

Inicialmente podemos constatar imagens inspiradas na teoria antropométrica na qual havia uma catalogação de tipos físicos. A antropometria criou uma “grade normalizadora” nas fotografias (PINNEY, 1996, p.32) que servia para comparar corpos humanos de cultura e de estrutura anatômica distintas. Isso pode ser constatado tanto nas fotografias de Lévi-Strauss quanto em suas descrições/comentários.

Além disso, observamos também que não é possível verificar uma relação próxima entre Lévi-Strauss e os índios Bororo. Nossa hipótese é a de que há um distanciamento proposital entre ambos, que se manifesta nas imagens. Aparentemente Lévi-Strauss procura preservar o ambiente cultural no qual os indígenas se encontravam, pretendendo-se invisível. É o que Pinney (1996) chama de “efeito realidade” (p.31) ou uma “autopresença aparente” (p.32), um modo de olhar e interpretar uma cultura, que é

denunciada na produção (um trabalho escrito ou visual), ou uma forma de criar outras realidades na própria fotografia.

Essas são duas hipóteses verificadas a partir da análise de uma parte das imagens. Ainda iremos aprofundá-las e ratificá-las após o exame do restante das fotografias. Intuímos que após o término de toda pesquisa será possível confirmar uma desconfiança, a de que Lévi-Strauss reproduziu em suas imagens influências de pesquisadores da época que utilizavam-se das fotografias para o estudo dos povos “exóticos”.

#### 4. Referências

KOSSOY, 2001. KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Cru e o Cozido**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. **Tristes Trópicos**. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Saudades do Brasil**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **Cerimônias funerais entre os índios Bororo II (Dança do Marid’do)**. 8 minutos, p&b sem áudio, legendado em francês. Créditos: “Rio Vermelho / Estado de Mato Grosso / dezembro de 1935 / filmado pelos Profs. Dina e Claude Lévi-Strauss”.

PASSETI. **Lévi-Strauss, Antropologia e Arte**. São Paulo, Educ, 2008.

PINNEY, Christopher. **A história paralela da Antropologia e da Fotografia**. IN: Cadernos de Antropologia e Imagem. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais –PPCIS e do Núcleo de Antropologia e Imagem-NAI, Rio de Janeiro, UERJ, Vol.2, 1996 ( pp. 11-29)